



Entrevista com o Profº Dr Giovanni Semeraro: Atualidade de Marx, organização popular e formação

*Revista Primordium**



Giovanni Semeraro é membro fundador e foi Presidente da International Gramsci Society-Brasil (IGS-Br) 2014-2017. Graduiu-se em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (1985), é Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma/Itália (1977), Mestre em Filosofia da Educação pela Fundação Getúlio Vargas/RJ (1990), doutorado-sanduíche em Filosofia Política na Università degli Studi di Padova/Italia (1996), Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998) e Pós-Doutor na Universidade de Urbino/Istituto Italiano per gli Studi Filosofici di Napoli 2007-2008 com a supervisão do Prof. Domenico Losurdo. Atualmente é Professor Titular na Universidade Federal Fluminense onde leciona Filosofia da Educação na Graduação e no Programa de Pós-Graduação (PPGE). Para além disso, coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia Política e Educação (NUFIPE). Reconhecido em todos os campos das Ciências Humanas.

* Entrevista concedida por e-mails enviados entre os dias 14 de Julho de 2021 e 17 de Agosto de 2021 a convite do Grupo de Estudos Marxistas: Marx e Gramsci da Universidade Federal de Uberlândia em reconhecimento por seu trabalho acadêmico e na International Gramsci Society - Brasil. Em nome da Revista Primordium, Fernando Tadeu Mondy Galine e o Grupo de Estudos Marxistas: Marx e Gramsci, prepararam e enviaram a entrevista. O Grupo de Estudos Marxistas: Marx e Gramsci da Universidade Federal de Uberlândia e a Revista Primordium agradecem ao Profº Dr Giovanni Semeraro por sua generosa participação.

Revista Primordium: Discorra um pouco sobre sua trajetória de vida e escolhas intelectuais. E o que significou nessas escolhas o intercâmbio entre o velho e o novo mundo, em particular a relação entre a cultura italiana e a brasileira.

Giovanni Semeraro: Parte dos fatores que marcaram a minha trajetória de vida derivam das origens familiares e culturais enraizadas na Puglia (Apúlia), região do Sul da Itália, onde nasci e passei os primeiros vinte anos. Guardo até hoje como herança preciosa a atmosfera sóbria e afetuosa da família, o ambiente de comunidade da minha cidade natal e a tenacidade no trabalho do meu pai, um camponês diarista, que além do sustento trazia em casa a solidariedade e os sentimentos de revolta dos seus companheiros de classe.

Além desse DNA, foram os anos de filosofia e teologia transcorridos em Roma na década de 1970 que orientaram as minhas escolhas intelectuais e sociopolíticas, durante um período que me permitiu tocar com a mão os debates e as convulsões políticas, a efervescência cultural e o concentrado de história, arte e cosmopolitismo que se respira na capital da Itália e da cristandade. Ao término do mestrado em teologia bíblica na Pontifícia Universidade Gregoriana, a minha Congregação religiosa me designou para trabalhar no Brasil. Assim, entre 1978 e 1980 atuei como padre na Igreja de N.S. Consolata, em Brasília, onde cheguei perto de ser expulso do país por ter apoiado e dado abrigo a uma greve de professores. Fui, então, transferido para o Rio de Janeiro, na igreja com o mesmo nome situada no bairro de Benfica/São Cristóvão e que abrangia 5 favelas: Mangueira, Telégrafo, Tuiuti, Parque do Arará e Eredia de Sá, no arco de território que se estende do Maracanã até Manguinhos, na Avenida Brasil. Passados 5 anos de intensa dedicação nas favelas, passei a trabalhar em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, entre 1986 e 1993, como professor na Universidade de Nova Iguaçu (UNIG) e diretor de estudos nos cursos de filosofia e teologia do Seminário Maior Paulo VI, me envolvendo com movimentos populares e a pastoral social da Diocese conduzida por D. Adriano Hypólito. Os traços sumários desse itinerário deixam claras as vértebras fundamentais que moldaram a minha formação e traçaram os rumos da minha existência que foram se definindo combinando estudos e vinculação com as lutas populares.

Embora se preste a múltiplos significados, não simpatizo muito com o estereótipo “velho e novo mundo”, porque o Brasil e a América Latina não nasceram em 1500 e também porque nem tudo é novo nestas terras, assim como na Itália e na Europa, embora tenham uma longa história, nem tudo é velho. Não há dúvida de que ao passar do universo de cidades muito antigas da Itália para uma capital como Brasília, recém criada no centro de um imenso território, a impressão foi grande. Mas, o impacto maior foi quando mergulhei na realidade dramática das favelas e das extensas áreas de periferia do Rio de Janeiro. Embora, não me faltassem noções básicas antes de aterrizar no Brasil e tivesse já lido na Itália escritos de Paulo Freire e da Teologia da libertação, foram as chocantes contradições e disparidades sociais com as quais me deparei que me levaram a entender melhor a realidade local e a abraçar com mais determinação os horizontes delineados pelo marxismo. Em um processo inverso dos que saem daqui para estudar no exterior, a minha formação e atuação político-pedagógica foi se completando e consolidando no Brasil, com o mestrado no IESAE/FGV concluído com a dissertação sobre “A esquerda católica dos anos 60” e a tese de doutorado sobre “A sociedade civil em A. Gramsci”, na UFRJ. Quando, portanto, ingressei na UFF em 1993, estavam já postas as premissas a partir das quais iria delinear o meu percurso acadêmico até hoje. Naturalizado brasileiro, ao longo de mais de 40 anos, procuro entrelaçar o legado da Itália com os conhecimentos aqui adquiridos e os desafios postos pela realidade que fermenta no Brasil, principalmente nos movimentos sociais e organizações políticas das classes subalternizadas. Na verdade, embora existam diferenças consideráveis entre Brasil e Itália, há muitos elementos de contato e convergência e não só pela parcela significativa de imigrantes italianos. Um país como a Itália que se constituiu ao longo do tempo com uma amálgama de raças, culturas, criações e lutas políticas tem muito a ver com o Brasil marcado por características parecidas, em busca de uma identidade mais definida e da consolidação como nação livre, justa e soberana.

Revista Primordium: Professor Semeraro, como surgiu a ideia de criação da International Gramsci Society ? Qual é a sua importância para o Brasil e América Latina? E porque o Brasil foi escolhido para se construir a primeira International Gramsci Society fora da Itália?

Giovanni Semeraro: A ideia de criar uma associação que pudesse articular a miríade de estudiosos de Gramsci espalhados pelo Brasil e potencializar as iniciativas em torno desse autor estava já no ar. Depois da Itália, o Brasil tornou-se o país onde mais se lê, publica e debate o pensamento de Gramsci, cuja influência permeia partidos, mundo acadêmico, movimentos sociais e diversos setores da sociedade. Portanto, não encontrei muitos obstáculos quando comecei a suscitar o assunto nos diversos compromissos acadêmicos pelo Brasil. Com o amadurecimento da proposta e a ampliação do consenso, foi se formando um núcleo básico de colegas mais próximos, representativos de diversas regiões do Brasil. Desta forma, iniciamos um trabalho coletivo para convidar os numerosos gramscianos que atuam no Brasil e, assim, preparar um evento de análise e decisões. Com um número consistente de adesões, escolhemos inevitavelmente a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) como lugar de encontro, em honra a Carlos Nelson Coutinho. Assim, no final de maio de 2015, depois de dois dias de debates e definições, foi fundada a International Gramsci Society-Brasil, com a presença também de Giuseppe Vacca (Diretor do Instituto Gramsci de Roma), de Fábio Frosini (representante da IGS-Itália) e de Joseph Buttigieg (presidente mundial da IGS), que por um imprevisto de última hora acabou não embarcando dos Estados Unidos, mas que se fez presente com uma comunicação oficial.

No Estatuto, aprovado por unanimidade no evento, afirma-se que o objetivo da IGS-Brasil é articular e dar maior consistência aos estudiosos, grupos e eventos que se formam em torno dos estudos e da divulgação da obra de Gramsci. Além disso, a IGS-Brasil se propõe também a dialogar, aprofundar, atualizar e entrelaçar o pensamento de Gramsci com a produção teórica e os movimentos sociais populares do Brasil e da América Latina, de modo a fermentar estudos e pesquisas e organizações em sua atuação política. Assim, logo após a fundação da IGS-Brasil foi criado um site, uma revista, um boletim mensal e estabelecemos a realização de seminários internacionais a cada dois anos em diferentes

idades do Brasil, para permitir o intercâmbio do maior número de sócios, a apresentação de trabalhos dos mais diversos estudiosos e a realização da Assembleia geral para eleger de forma rotativa a Direção e o Conselho da IGS-Brasil.

Ao longo desses 6 anos, a IGS-Brasil cresceu em número de sócios, promoveu diversos eventos regionais, numerosos cursos presenciais e on-line, se posicionou contra o neofascismo que se instalou no Brasil e promoveu publicações de artigos e de livros. Entre as numerosas e valiosas iniciativas promovidas pela IGS-Brasil que constelam esse período, precisa destacar a elaboração do Mapa da produção de estudos e publicações sobre Gramsci no Brasil. Além disso, a partir de 2020, veio se constituindo um grupo de sócios voluntários para realizar a tradução integral do Cadernos do Cárcere da edição crítica organizada por Valentino Gerratana. Até agora, foram já traduzidos os Cadernos “especiais” e começamos a traduzir os cadernos “miscelâneos”. Nesses últimos anos, a IGS-Brasil vem se articulando também com grupos de estudos gramscianos que atuam em diversos países da América Latina e Caribe. Espera-se que essas iniciativas possam se consolidar cada vez mais para realizar um fecundo desenvolvimento do pensamento crítico e uma atuação política transformadora da sociedade.

Revista Primordium: Qual a atualidade do pensamento de Marx e Gramsci para analisar a crise orgânica que vivemos na atualidade e o conturbado momento político brasileiro?

Giovanni Semeraro: Como é notório, uma das maiores contribuições de Marx foi ter desvelado as contradições embutidas no projeto implantado pelo capitalismo, analisando o seu modo de produção e os efeitos nefastos por trás das suas aparências, as metamorfoses e as crises cíclicas que o levam continuamente a se reestruturar e reproduzir. Atualmente, de uma configuração mais nacional e industrial, o capitalismo passou a se caracterizar por uma intensa globalização dos mercados e por um sofisticado sistema financeiro que extrai valor fictício sem contribuir com a dinâmica da produção e os avanços da sociedade.

Conforme Marx havia delineado, as formas do capitalismo vêm evoluindo para dimensões totalitárias e destrutivas, expandindo seus tentáculos também sobre setores estratégicos para a sobrevivência da humanidade: os comportamentos humanos e a reprodução, a biodiversidade, a segurança alimentar, os bens comuns e as criações culturais e políticas. Nunca como agora as análises de Marx se apresentam tão atuais ao apontar o crescente esgotamento da “terra e do trabalhador” engendrado pela predação do capital. Cresce à vista de todos a maneira como o planeta está sendo reduzido a máquina de fornecer commodities ao preço do desmatamento, da extinção de espécies, da devastação do ambiente, da expulsão de populações nativas, do aquecimento global e da interferência nas mudanças climáticas. E, da mesma forma, ocorre também a destruição dos direitos trabalhistas fundamentais e a redução dos que ainda conseguem trabalhar a prestadores precários e aviltantes de serviços. As contradições atuais do capital ultrapassam qualquer imaginação do absurdo porque concentra cada vez mais acúmulo de riquezas nas mãos de grupos restritos na medida em que destrói as fontes da vida no planeta, desintegra as forças do trabalho, a sociabilidade humana e a própria civilização, explanando o caminho para as multiplicações das pandemias e a propagação da barbárie. As ondas reacionárias e neofascistas, a exasperação do racismo, da xenofobia, da construção de muros e da propagação do caos social são um termômetro claro dessa situação. A pandemia da Covid-19, tal como a difusão crescente de diversas doenças letais que vêm se multiplicando nessas últimas décadas, não são um acidente natural ou surtos imprevisíveis na história humana, mas a manifestação da metástase que se alastra no corpo social, provocada por uma crescente crise orgânica social e ambiental que toma conta de todo o sistema.

Gramsci é um dos autores que melhor aprofundou e atualizou o pensamento inaugurado por Marx e percebeu com muita lucidez a crise do capitalismo monopolista do século XX que explode em 1929, engendra a exasperação dos nacionalismos regressivos e debilita as organizações políticas das classes trabalhadoras. Como Marx, Gramsci considera que a crise eclode quando as contradições do sistema se tornam insustentáveis,

de modo que estrutura não se sintoniza mais com a evolução da superestrutura e a economia não corresponde às demandas das grandes massas e às aspirações que se manifestam nas diversas formas de questionamento. Entre outros aspectos, no entanto, o pensamento de Gramsci é particularmente atual porque, ao se defrontar com o surgimento do fascismo e do nazismo que se expandiam na Itália e na Europa, desvelou a íntima ligação deste fenômeno com a ideologia liberal. Mostrou, de fato, que a classe dominante liberal e “democrática”, quando perde a capacidade de ser “dirigente” e não consegue mais se sustentar pelo consenso e pela “revolução passiva”, recorre ao uso da força coercitiva e parte para a agressão aberta. Por isso, Gramsci caracterizou o fascismo como “a tática da burguesia em perigo”. Retrata como poucos a reação apavorada da burguesia que, tomada pelo “temor pânico” diante do avanço do movimento operário e da irradiação da Revolução russa, procura se adaptar com uma operação de reestruturação do capital, recorre à intervenção violenta do Estado, aos “homens providenciais”, ao braço armado dos militares e às tramoias da burocracia. Uma situação parecida ocorre atualmente no Brasil com o governo Bolsonaro, onde a classe dominante não possuindo um projeto incluyente de nação, atemorizada pelo avanço das classes populares, se entrincheira em seus privilégios e promove um conjunto de retrocessos e agressões na esperança de desencadear um processo de golpe salvador.

Mas, o legado mais peculiar da vida política e intelectual de Gramsci não se limita às análises críticas. O que mais caracteriza o seu pensamento são os horizontes que traça para construir a hegemonia das classes subalternas nas complexas sociedades contemporâneas, indicando os instrumentos políticos e culturais mais sofisticados para realizar a “grande política: a criação de novos Estados” e a fundação de uma nova civilização. Malgrado sejam delicados e perigosos, para Gramsci, os momentos de crise podem criar as “condições mais favoráveis para uma expansão inaudita do materialismo histórico” e se tornar grandes oportunidades para gestar novas propostas de sociedade capaz de superar a velha ordem. Perspectivas tão arrojadas implicam a necessidade de construir uma original concepção de mundo com a filosofia da práxis, uma

visão revolucionária da política com o protagonismo das classes populares, a configuração de um partido efetivamente democrático, a função dos “intelectuais orgânicos”, da “escola unitária” e da “educação integral” voltadas a preparar a todos os cidadãos como “dirigentes” de uma nova sociedade, conforme procuro mostrar em meu livro mais recente dedicado ao estudo do Caderno 12 de Gramsci, publicado pela Expressão Popular. Portanto, para derrotar o fascismo e suas versões atuais não é suficiente se entrincheirar em posições de resistência ou atuar com o “subversivismo esporádico e desorgânico”, mas é preciso preparo, audácia e capacidade de organizar a pluralidade das forças populares para construir uma soberana “vontade coletiva nacional-popular” em condições de operar uma ruptura com o sistema vigente e implementar um novo projeto de sociedade.

Revista Primordium: Recentemente foram descobertos novos escritos de maturidade de Marx, principalmente cartas, descobertas essas que, por exemplo, permitiram a Marcello Musto publicar O velho Marx: uma biografia de seus últimos anos (1881-1883). Nesses escritos, percebemos que Marx não perdeu o foco sobre a questão dos trabalhadores e suas organizações. Em que medida esses escritos corroboram com as análises acerca da correta interpretação de Marx sobre o papel da classe trabalhadora e, também, sobre a organização política dos trabalhadores?

Giovanni Semeraro: Desde a morte de Marx, houve muitas tentativas para desqualificar ou enterrar seus escritos, mas, incrivelmente, o seu pensamento ressuscita mais forte, ainda mais agora com a crise que assola o mundo. Na verdade, embora incompleto em algumas partes e historicamente situado, o pensamento de Marx está mais do que claro, amplo e muito bem elaborado. Nenhuma novidade, supondo que exista ainda algo inédito, vai abalar ou interferir no sólido conteúdo que ele nos transmitiu com sua extensa obra. A imensa bibliografia e a crescente produção intelectual que se alastra em todos os recantos do mundo, atestam por si só a grandeza, a vitalidade, a atualidade e os fermentos revolucionários lançados por Marx, um patrimônio que cresceu enormemente com as crises desse início de século, colocando mais intensamente no debate suas ideias e as mais diversas incursões feitas pelas

suas pesquisas. O que Marcello Musto traz à luz com a revelação de manuscritos inéditos de Marx produzidos nos últimos três anos antes da sua morte, na verdade, mais do que novidade, são uma confirmação do espírito inquieto e incansável e do amplo leque de horizontes que Marx sempre cultivou em suas pesquisas nos mais diversos campos do conhecimento.

Em todo caso, a divulgação e análise desses escritos realizadas por Musto não deixam de ser uma contribuição considerável que mostra como Marx, apesar de abalado pelas condições precárias de saúde e as amarguras sofridas pelas perdas familiares, como o falecimento da sua mulher Jenny em dezembro de 1881 e a morte repentina da sua filha mais velha em janeiro de 1883 (que reabriu a ferida da perda de outros 4 filhos muito pequenos em 1855 e 1857), não chegou a se abater e nunca desistiu de estudar, pesquisar e expandir seus conhecimentos até os últimos dias de sua intensa vida de intelectual e militante político. Nestes manuscritos, que reúnem correspondências de Marx com Engels, familiares, amigos, intelectuais e companheiros políticos de diversos países, é visível a preocupação de Marx com a divulgação do primeiro volume de *O Capital*, as traduções em outras línguas e as interpretações que vinham sendo dadas, muitas das quais o entendiam como se fosse uma ciência exata. Também, é possível constatar como Marx procurava se manter informado com a leitura da grande imprensa, a continuidade ininterrupta das suas atenções voltadas para os acontecimentos internacionais, os interesses pelo estudo das sociedades pré-capitalistas, a comuna agrícola russa, o reconhecimento e a valorização dessas experiências, das suas peculiaridades históricas e culturais que não podem se encaixar dentro de ideias abstratas e imutáveis. E, da mesma forma, as atenções de Marx pelos avanços dos estudos de Antropologia e Etnografia permitem desfazer ainda mais a ideia de que exista uma concepção evolucionista e uma visão eurocentrista na sua obra, conforme o paradigma hegeliano de história. Ao contrário, tais manuscritos revelam uma mente lúcida, uma permanente inquietação intelectual aberta às mudanças dos processos sociais e da história, inclusive em relação ao seu próprio pensamento a ser aprofundado e atualizado constantemente. Trata-se, sem dúvida, de material precioso que apresenta um autor que sempre teve uma mentalidade histórica,

processual, dialética e política, contrariamente à imagem de um pensamento dominado pelo cientificismo e o economicismo e pior ainda pelo determinismo e positivismo, como algumas leituras começavam a difundir a respeito da sua obra. Além do mais, não há dúvida de que, entre outros aspectos, a leitura destes manuscritos acaba também se tornando exemplo e incentivo, particularmente para quem anda desanimado com os retrocessos ou encontra-se em idade avançada e com alguma moléstia de saúde e sente-se tentado a pendurar as chuteiras.

Revista Primordium: Em seu livro Gramsci e os novos embates da filosofia da práxis, o senhor afirma que, para Gramsci, o coração da hegemonia de uma classe dominante-dirigente é a capacidade de produzir, ao lado da riqueza material, também uma riqueza teórica, ou seja, o consenso do mundo dominante nas classes dominadas. Sem perder de vista este horizonte teórico-político, como elaborar os mecanismos teóricos e construir uma hegemonia da classe proletária no século XXI, uma vez que vivemos a época da globalização da hegemonia burguesa em todas as frentes, tendo em vista a capacidade de sofisticação dos instrumentos de manipulação – os aparelhos privados de hegemonia – cada vez mais desenvolvidos?

Giovanni Semeraro: A burguesia pode ter enormes recursos materiais e inúmeros instrumentos de manipulação e coerção e conseguir até manter a dominação, mas, sem ter as respostas concretas diante das solicitações da história e apresentar soluções efetivas para atender as reivindicações da população, perde a capacidade de dirigir a sociedade. E esta condição de dirigente, além da capacidade produtiva, depende da qualificação teórica e de um acertado projeto político. Hoje, percebe-se cada vez mais que a própria riqueza material depende da riqueza teórica e da inteligência política, do desenvolvimento da ciência, da pesquisa e dos conhecimentos que possibilitam as criações e o incremento das energias do conjunto da sociedade para solucionar problemas e promover o bem-estar da coletividade. Portanto, a multiplicação de meios e a montagem de aparelhos sofisticados para espalhar demagogicamente a ideologia dominante sem uma efetiva consistência teórica podem funcionar até certo

ponto, mas quando não correspondem à realidade se retorcem contra os próprios demagogos. De certa forma, atualmente, podemos ver este fenômeno em curso no Brasil, uma vez que no governo central se instalaram a mentira, a manipulação, o obscurantismo, as fake news, o sensacionalismo e o incitamento ao fanatismo com a intenção de desqualificar a política, subjugar as instituições públicas e subverter a democracia.

Gramsci repetia que “dizer a verdade, chegar juntos à verdade, é ato revolucionário”, significando com isto o compromisso e a responsabilidade para retratar com a maior veracidade e transparência possível a realidade em toda a sua complexidade e possibilidades. No cárcere, podia se orgulhar de nunca ter vendido seus escritos “para quem paga melhor” e hoje seu pensamento ganhou o mundo e abala as estruturas de poder. Para nós, portanto, ter a audácia de procurar a verdade, dedicar-se a produzir escritos e análises críticas bem elaboradas, difundir informações e fatos fidedignos, apresentar argumentos fundamentados e amplamente circunstanciados, seria já uma grande tarefa e um importante campo de luta, embora não apareçam efeitos imediatos. Além disso, não devemos cansar de lutar brava e permanentemente para defender os direitos dos trabalhadores, exigir educação e escolas de qualidade, cultura, ciência e conhecimento para a grande massa da população, defendendo o espaço democrático do debate e, acima de tudo, dedicando-se a cultivar e fortalecer movimentos sociais, associações populares e organizações políticas ativas e acessíveis a todos.

Pela longa história de escravidão e a estrutura autoritária que permeiam a formação do Brasil não é fácil construir uma hegemonia das classes trabalhadoras e populares. Contra as ilusões, Gramsci nunca escondeu que a construção da hegemonia, decisiva na política moderna, demanda “enormes sacrifícios, qualidades excepcionais de paciência e espírito inventivo”. Temos, portanto, uma tarefa complexa, áspera e demorada que exige, ao mesmo tempo, dedicação para estabelecer “trincheiras e fortalezas” na sociedade civil, ocupar o maior espaço possível nos diversos setores da sociedade, capacidade de vigiar e ocupar as esferas institucionais, desvendar os planos das classes dominantes, disputar eleições etc, ou seja, um conjunto de atividades que comportam

trabalho persistente, molecular, articulação das forças políticas populares, movimentos e grupos sociais em torno de organizações políticas populares e partidos sólidos e democráticos, pois, como aponta Gramsci "o elemento decisivo em todas as situações é a força permanentemente organizada e longamente preparada".

Mas, neste empreendimento desafiador e irrenunciável não partimos do nada. Além da extensa e rica tradição marxista, temos a admirável história das inúmeras lutas populares, que no Brasil e na América Latina deram origem a muitas conquistas sociais e a uma original e fecunda produção política, teórica, artística e cultural, que precisamos cada vez mais resgatar e potencializar. Com base neste incalculável patrimônio as nossas práticas político-pedagógicas coletivas podem deslançar estratégias para a construção de um projeto de sociedade protagonizado pelas classes subalternas com a audácia da "direção intelectual e moral" para romper e superar o sistema vigente. Sempre levando em conta que é preciso, como nos alerta Gramsci, entrelaçar direção e 'domínio', de modo a conquistar "a hegemonia ético-política na sociedade civil e tornar-se dominante no Estado", o que implica formar os subalternos como "intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao orgânico desenvolvimento de uma sociedade integral, civil e política" (Caderno 12, §1).

Ainda que possa parecer "utópico" e gigantesco, não vejo outro caminho para o "proletariado" (entendendo com isso o amplo arco das classes subalternas e todos os segmentos discriminados e oprimidos) se tornar hegemônico. A maior tarefa política ao longo do século XXI, portanto, é articular e organizar as forças populares dispersas em torno da criação de um novo modo de produção e reprodução, de um cuidado profundo com a natureza e da construção de uma democracia que estabeleça efetivamente a socialização do poder econômico, político e cultural, sem cair na armadilha de se integrar ou contentar-se em "melhorar" o sistema vigente.

Revista Primordium: Professor, em seu livro *Libertação e Hegemonia* o senhor afirma que “Ao trabalho explicitamente escravo e servil imposto aos nativos e aos negros, substituíram o moderno aparelho de produção industrial para depredar mais vorazmente as riquezas dessa terra ao longo do interminável sistema de colonialidade.” Sendo assim, quais os desafios colocados aos intelectuais orgânicos para a organização dos novos trabalhadores urbanos e rurais, assolados ainda mais pela precariedade do trabalho atual?

Giovanni Semeraro: Em muitos aspectos, o Brasil continua sendo mantido essencialmente na condição de colônia, dedicado particularmente na produção e exportação de commodities baratas, um território de disputa de grandes potências pelas suas imensas riquezas e campo atrativo para investidores que querem lucrar segura e rapidamente. A mão de obra abundante, que era já barata, com as reformas trabalhistas dos últimos dois governos chega a beirar a condição escrava quando vemos, para quem tem sorte de achar uma ocupação, a progressiva uberização, eliminação dos direitos básicos e a pulverização das classes trabalhadoras.

Privar ou precarizar e humilhar o ser humano no trabalho tem como objetivo aprisionar o seu corpo e destruir a sua alma, uma vez que como todos sabem o ser humano e a própria sociedade se constituem por meio do trabalho, como mostrou magistralmente Hegel. E, Marx, além de reiterar a centralidade desta vértebra estrutural da existência humana, se dedicou a mostrar exaustivamente de que maneira o ser humano é desumanizado e objetificado no sistema capitalista com o trabalho explorado e alienado. Mas, é com Gramsci que aprendemos que o intelectual não é um ser superior e separado, mas é também um trabalhador, especializado em seu ofício que passa por um aprendizado e um complexo tirocínio para adquirir ferramentas adequadas, da mesma forma que o estudo é uma atividade cansativa e muitas vezes tediosa, que precisa de disciplina, cautela, humildade e respeito pelos diversos e contrastantes pontos de vista. E, ao mesmo tempo, Gramsci mostra que o trabalhador manual não é obtuso e passivo, mas um ser inteligente e criativo, que aprende e “conhece enquanto transforma o mundo”. De modo que, tanto o intelectual como o trabalhador devem ser considerados

inseparavelmente, alunos e mestres ao mesmo tempo, e que precisam se relacionar dialeticamente para poder se realizar plenamente.

Hoje, no Brasil, diversamente dos grupos de intelectuais postos a serviço do capital e de profissionais voltadas para fora do país e de costas para a realidade nacional, a maior parte dos intelectuais e dos trabalhadores padecem condições parecidas de vida, submetidos à precariedade, repressão e desqualificação. Neste sentido, a inseparabilidade entre intelectuais e trabalhadores, apontada por Gramsci, não se restringe apenas à necessidade da relação dialética para uma aprendizagem recíproca de teoria e prática, mas, visa, principalmente a criar um “bloco histórico” capaz de articular trabalho, ciência, educação e política para potencializar as lutas dos subalternizados. É sobre esta base que Gramsci organiza o novo princípio educativo de modo a formar o trabalhador como “dirigente (especialista+político)”, em condições de se autodeterminar e de conduzir democraticamente o processo de constituição de uma nação livre, socializada e soberana. Neste sentido, ao associar frequentemente o conceito de “dirigente” com o de “hegemonia”, o projeto educacional de Gramsci não pode ser confundido com a concepção convencional de “cidadania” que visa “inserir” a população no sistema, nos aparelhos de controle da classe dominante e reduz os indivíduos a eleitores eventuais e a meros espectadores e consumidores.

Revista Primordium: Como o senhor analisa o papel das seitas e religiões junto às classes oprimidas nos dias atuais? A Igreja sendo um dos principais pilares da sociedade civil, segundo Gramsci, como se conjugam religião e esquerda na luta hegemônica em favor das massas subalternas para libertar as classes oprimidas?

Giovanni Semeraro: Quando se repete frequente e mecanicamente que para Marx “a religião é o ópio do povo”, não se observa que esta expressão é a culminância da frase “A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, é o espírito de uma situação sem espiritualidade. Ela é o ópio do povo” (Para a crítica da filosofia do direito de Hegel). O que, portanto, aqui se diz é que o oprimido procura na

religião abrigo e uma saída para as suas aflições, e que a religião manifesta a falência de um mundo desumano. De modo que, a religião torna-se uma expressão contraditória da realidade: pode entorpecer a consciência, mascarar e fortalecer as injustiças, mas também pode denunciá-las. Creio que no Brasil uma parte da população encontra-se nessa situação. Dependendo de como se vivencia a religião, poderá ocorrer evasão da realidade e engano ou semear fermentos de conscientização, avançar reivindicações, iniciativas comunitárias e movimentos sociais. Não se deve esquecer que diversos marxistas e o próprio Engels evidenciaram o papel revolucionário do cristianismo primitivo. E Gramsci, embora critique a Igreja católica como organização clerical associada às classes dominantes, reconhece o potencial utópico da mensagem evangélica, a “formidável força de resistência moral e de coesão” dos cristãos, admira figuras autênticas que pontilharam o percurso da Igreja, a importância do cristianismo na história, o impacto da Reforma, defende o respeito pelas crenças pessoais e a aliança que os operários precisam cultivar com os cristãos esclarecidos para combater a burguesia.

Obviamente, o universo religioso é complexo e muito diferenciado e precisa não confundir religião, igreja, seitas, espiritualidade, misticismo, credices, charlatanismo etc. No Brasil, a religião, em suas múltiplas expressões, está profundamente enraizada na população, contribui enormemente para a formação do senso comum e as igrejas ocupam um grande espaço político e cultural. Neste caleidoscópio, até agora, a predominância ainda é católica, mas nesses últimos anos há um crescente avanço das igrejas evangélicas que alcançam 30% da população. No entanto, olhando mais de perto no interior de uma mesma religião, percebe-se que há diversos grupos e correntes, divergências e até contraposição. Portanto, a religião não é um bloco monolítico, inquestionável e imutável, mas está atravessada pelo contexto histórico, por tendências políticas, posições sociais e culturais, disputas e luta de classe. O fato de serem associadas ao sagrado e ao divino não significa que as religiões não sejam humanas e que não tenham suas falhas e até efeitos nefastos. Com tato e respeito, é preciso, portanto, analisar e estudar as

religiões, reconhecendo os aspectos positivos e denunciando também os elementos de atraso e de efeitos deletérios na população.

Em alguns artigos tenho mostrado o papel extraordinário que a Teologia da Libertação tem desempenhado no Brasil, a sua contribuição na renovação da Igreja e na criação de movimentos e organizações políticas populares. Com sua “opção pelos pobres”, mesmo com algumas debilidades e insuficiências, creio que se trate de uma das maiores expressões do “grito dos oprimidos” que realizou um trabalho capilar de conscientização e de combate contra a ditadura e as condições desumanas da população. O maior impacto da Teologia da Libertação é ter mostrado que para os cristãos não é suficiente a conversão interior, a caridade e as boas intenções, mas, é necessário contribuir para criar meios e organizações para combater o capitalismo e as injustiças e transformar as estruturas econômicas e políticas que originam injustiças e profundos malefícios na sociedade. Em contraposição a esta atuação, é notório como diversas igrejas neopentecostais de caráter fundamentalista foram introduzidas e financiadas para “pastorear o rebanho” dentro da ordem dominante e se tornaram um precioso ativo político-eleitoral, algumas delas se transformando em indústrias da fé, teatros de sensacionalismo e diversão de massa. Não vejo, portanto, de bons olhos as atitudes dos que por oportunismo, falso ecumenismo ou cálculo político pretendem colocar igrejas e religiões no mesmo balaio, sem enfrentar as suas contradições e escondendo a luta de classe que se trava também no seu interior. Sem partir para guerras de religião e fanatismo, as esquerdas precisam conhecer as religiões e as diversas correntes que existem nas igrejas, e não devem deixar de denunciar o charlatanismo, o obscurantismo e as manipulações e, superando preconceitos, respeitar e se aliar às que efetivamente contribuem para a construção de uma sociedade livre, justa, fraterna e socializada.

Revista Primordium: Como superar as questões enfrentadas pela educação frente aos desafios da sociedade capitalista atual?

Giovanni Semeraro: Tal como é projeto manter os trabalhadores na servidão, é também intencional promover a precariedade da educação e da escola pública, como tem sido observado por diversos analistas. No Brasil, durante o período de pandemia esta situação calamitosa na educação tornou-se mais evidente e, ao mesmo tempo, afloraram tentativas de adaptação da escola, propostas de ensino híbrido, o enaltecimento do Ensino à Distância, o aprendizado de tecnologias para o mercado online, pressões para a aprovação da homeschooling, projeto racista e segregador que visa eliminar os investimentos na escola universal e de qualidade. No entanto, ao contrário dos propósitos sectários de uma minoria, a pandemia deixou mais claro que, além do acesso às novas modalidades e tecnologias de trabalho, a educação e a escola precisam estar profundamente conectadas com a realidade, a partir da qual aprendemos a enfrentar os problemas e encontrar soluções em conjunto. Desta forma, para além do núcleo familiar, a escola é lugar fundamental da relação, da socialização, do confronto e convivência com o outro, da aprendizagem do trabalho coletivo, da pluralidade de pontos de vista, do reconhecimento das diferenças e respeito das divergências, do desenvolvimento das práticas democráticas e do envolvimento com a transformação da sociedade.

Em relação aos desafios da sociedade capitalista, é ilustrativo o quadro que Gramsci desenha na abertura do Caderno 12, ao representar a maneira como o moderno “empresário capitalista” se cerca de intelectuais e especialistas não só para impulsionar a sua empresa, mas também para se qualificar como protagonista competitivo na atuação política e na interferência no poder do Estado. Em contraposição a esse retrato muito concreto que mostra como funciona de fato o poder que entrelaça produção material, intelectual e política, Gramsci elabora uma proposta de educação e de uma escola pública que ofereça também para as classes subalternas as condições para desenvolver as suas potencialidades e para se preparar a assumir a direção da própria sociedade. Mas, diversamente dos projetos da classe dominante que visam treinar e domesticar, modernizar e adaptar cidadãos ao sistema, a impactante concepção política, filosófica e

pedagógica de Gramsci oferece elementos atuais para a formação das classes populares, dentro e fora da escola, de modo que possam não só obter o diploma e garantir o emprego, mas desenvolver todas as capacidades para adquirir o conhecimento mais avançado, as melhores técnicas para o trabalho especializado e preparar-se a dirigir democraticamente a própria sociedade.

Como mostramos acima, o capitalismo é destrutivo, embrutece a vida do trabalhador, corrói as relações sociais e alimenta cada vez mais formas de fascismo. O antídoto, portanto, mais vigoroso para combater e superar a sanha corrosiva e reacionária do neofascismo que se propaga nos nossos dias encontra-se no desenvolvimento nas classes populares de uma práxis capaz de integrar na relação inseparável e dialética trabalho qualificado e política ativa, educação e realidade sócio-política, razão e paixão, ciência e arte, indivíduo e sociedade, natureza e ser humano, em um processo consciente de construção coletiva que elimine a estrutura de classe e a concentração do poder, único caminho para garantir a autodeterminação dos integrantes da sociedade, a soberania de um país, a vida da humanidade e do próprio planeta.

Revista Primordium: Qual a sua análise sobre a atual realidade mundial e brasileira, à luz do pensamento de Gramsci, e como avalia a situação de forças no campo da esquerda?

Giovanni Semeraro: No final do século XX, com a dissolução da URSS, o descrédito do marxismo e o triunfo do capitalismo, se chegou a proclamar o “fim da história”. Mas, não passou muito tempo e logo se viu que a celebração da globalização do capital, no fundo, era uma nova e mais avassaladora onda de colonialismo e imperialismo financeiro de proporções planetárias. Nessas últimas duas décadas, de fato, no lugar da “pax americana”, foram se multiplicando invasões, guerras, a desestruturação de inteiras regiões, a depredação de países pobres, a vassalagem dos países em desenvolvimento, o agravamento da situação climática e uma profunda crise orgânica que desde o início do nosso século abala o mundo. O caos desencadeado por esta situação vem gerando

maciças ondas de migração, a construção de barreiras e muros nos países ricos, a exacerbação da xenofobia, do racismo, o surgimento de nacionalismos chauvinistas e populismos de direita. Creio que o crescimento das forças reacionárias no mundo e no Brasil é proporcional ao fracasso do neoliberalismo, ao declínio do imperialismo dos Estados Unidos que acumula até seguidas derrotas militares, ao fortalecimento da China como grande potência, ao protagonismo da Rússia e à formação de blocos regionais que reivindicam o seu protagonismo no tabuleiro mundial.

Pelas riquezas de seu território, a posição estratégica na América, os avanços das políticas sociais nos governos do Partido dos Trabalhadores, a integração nos BRICS e a projeção internacional, o Brasil gerou alarme na geopolítica dos Estados Unidos e se tornou alvo das forças conservadoras e da extrema direita que não hesitaram em desencadear o “golpe institucional” e empurrar o país nas mãos do um subproduto “Trump dos trópicos”. No entanto, a vitória de J. Biden nos Estados Unidos, a contenção da direita na União Europeia, as insurgências populares na América Latina e o crescente fracasso do governo Bolsonaro vêm reanimando o campo da esquerda no Brasil.

Antes de mais nada, creio que a esquerda, no Brasil, precisa se dar melhor conta da extensão das forças reacionárias e dos poderosos tentáculos provenientes de fora do país. Urge, então, dedicar-se a uma análise mais atenta não só das raízes históricas e culturais, mas da penetração do novo colonialismo que se alastra nas atuais estruturas econômicas, burocráticas, religiosas, militares e midiáticas. Além disso, creio que o campo de esquerda precisa realizar uma permanente autoavaliação e se posicionar claramente contra o capitalismo, denunciando com todos os meios e dados concretos a barbárie social e a ação destrutiva que pratica no planeta e a incompatibilidade deste sistema com a democracia. Acuado e disperso pelo golpe, o campo da esquerda precisa urgentemente superar rugas e divisões, recuperar sua credibilidade nas massas populares e se dedicar com destemor a mostrar o vexame, a tragédia e os perigos do governo Bolsonaro. Gramsci não cansou de apontar a necessidade de estabelecer uma relação profunda, ininterrupta e

fecunda do partido e dos intelectuais com os setores mais explorados da sociedade, com as classes subalternizadas e os movimentos populares. Sem reconhecer a subjetividade destes amplos setores e fortalecer o seu protagonismo não será fácil inundar as ruas com maciças e frequentes manifestações e pressionar o Congresso e as instituições para respeitar a Constituição.

Diante da letalidade crescente do capitalismo que implementa novas formas de nazifascismo, a esquerda não pode se acanhar, amedrontar ou amesquinhar. Ainda que seja complexo, de longo prazo e a ser construído gradualmente, é necessário apresentar um sólido e convincente projeto alternativo de sociedade que vise à transformação profunda do modo de produção, à universalização dos direitos, à democratização do poder econômico, político e cultural e à construção de uma nação livre, igualitária e soberana. Por isso, sem acomodações e arranjos com as forças conservadoras, a esquerda deve abraçar decididamente as lutas contra o colonialismo, a exploração do trabalho, o racismo, as várias formas de discriminação, a destruição da natureza e da soberania nacional e reivindicar incansavelmente as reformas agrária, urbana, política, do sistema financeiro, do judiciário, da mídia, das FFAA, da educação.

Para superar o capitalismo, além da organização no interior do próprio país, as lutas de classe exigem uma consistente articulação com as forças políticas internacionais e com as mobilizações populares que eclodem no mundo, clamando para a criação de uma nova civilização. A revolução do Brasil e do mundo não pode aceitar remendos para editar um “novo normal” que será a repetição mais sofisticada do mesmo. O embate que temos pela frente, portanto, é de grandes proporções e requer imensas capacidades de luta e inteligência política, pois não se trata só do Brasil, mas do futuro do planeta e da própria humanidade.

Data de registro: 21/08/2021

Data de aceite: 21/09/2021